

O SERTANEJO É, ANTES DE
TUDO, UM FORTE.

Euclides da Cunha

O SERTÃO

COLABORADORES:

Diversos

QUINZENÁRIO APOLÍTICO

(Órgão do "Grêmio Literário Pe. Carlos de Moraes")

DIRETOR — Castelar de Lima

REDATOR — Alberto de Moura

GERENTE — Nilson Alves

ANO I

Ceará — Baixio, 15 de Março de 1949

N.º 6

A Ignorancia Religiosa

Pe. Vicente Feltosa

Ha quem ataque a Religião, porque a odeia. Estes são os apavorados com os freios que ela impõe á natureza viciada; os que desejariam dar curso livre aos desmandos dos instintos. Eles a detestam por lhes falar sempre á consciencia e lhes mostrar o perigo do apego desregrado aos bens e prazeres da natureza.

Ha tambem os que a atacam por inveja. São estes principalmente os adeptos de religiões falsas. A esta classe pertencem os comunistas ateus e muitos falsos politicos. Olham eles para as maravilhas operadas pela Igreja em todos os ramos: ciencias, artes, caridade publica, educação, etc. sentem-se na impossibilidade de realizar o mesmo, daí o despeito, o odio, a inveja. O que lhes dói mais é a poderosa influencia da Igreja perante o povo.

Ha ainda quem ataque a Religião por mera leviandade, para se mostrar, singularizar-se, chamar a atenção sobre si mesmo. E isto é vaidade. Os que pertencem a esta categoria se tornam ridiculos.

Mas ha ainda os que atacam a Religião porque a ignoram. E estes formam maioria. Quem conhece bem a religião e a Historia da Igreja não pode deixar de sentir por ela um certo sentimento de respeito e veneração, muito embora haja fraquezas e falhas por parte dos que a dirigem. Já lá dizia alguém que a Igreja só exige uma cousa: Que ninguém a ataque sem conhece-la.

Nenhuma ignorancia mais perniciosa do que a religiosa. Sem o conhecimento das linguas, sem as ciencias naturais, sem filosofia, ainda é possível ao homem conquistar um lugar no céu. Sem religião, porem, lhe é, em absoluto, impossível alcançar a salvação. Justamente a felicidade eterna é o termo *ad quem*, o ponto de chegada da religião. Para lá chegar é preciso lançar mão deste meio e

com interesse, com amor, mas ninguém chega a amar o que não conhece.

É com tristeza que se observa, na pratica, até onde vai o mal da ignorancia religiosa. Bastaria examinar o numero de crendices e superstições que grassam entre o povo. Ainda se encontram pessoas, por exemplo, que acreditam ser pecado matar passarinho na quaresma, que põem agoiro ou mau presagio no canto e vou de certas aves. E o peior é que estas e coisas semelhantes atingem tambem a letrados e doutos. Quantos ha por ai a fora munidos de diplomas e aneis e que não sabem ser o preceito da assistencia á Missa aos domingos uma lei que obriga sob grave.

Mons. Olgiati, no seu "Verdades Basicas do Cristianismo", fala-nos de um delegado que perguntou se o *Pange Lingua* era algum hino revolucionario e de outro que alagava ao Vigario que o doente não podia mais receber os Santos Oleos, porque não podia engulir nada. Já encontrei quem arguisse se, batizando a creança com areia, o sacramento era valido. Vitimas da ignorancia religiosa são estes tambem que não perdem um terço á tarde ou uma novena e que por mera indolencia faltam á Missa nos dias de preceito.

É frequente se ouvir esta pergunta: "Por quanto o Sr. celebra uma missa?" como se o valor da Missa pudesse ser posto em confronto com qualquer esportula. A esportula que o Sacerdote recebe pela celebração do Santo Sacrificio é uma simples esmola para garantir o seu sustento, porque não lhe convem andar preocupado com outros afazeres que não os da Salvação das almas.

Tudo isto indica que existe a ignorancia religiosa; que deve ser um mal, uma chaga que deve ser debelada.



Estudos de Português

ALBERTO DE MOURA

“Vão voando a cantar pela amplidão afora”

Veza por outra se nos depara o emprego indevido da preposição *afora*, como o fez Augusto de Lima, no verso acima transcrito. Tal erro tem-se generalizado, principalmente entre alguns cultores da poesia, e já o vimos até em João Ribeiro, um dos maiores gramáticos e vernaculistas do Brasil.

Afora, segundo os nossos dicionários, tem somente dois sentidos:—“à exceção de” e “alem de”. Na primeira acepção empregou-a Castilho, nesta passagem: “Tudo submeteria o homem ao contrato da sociedade, *afora* o pensamento que é filho de Deus”. Com o outro significado vemola em Camilo, neste excerto: “Contratára a música do Arco, quinze figuras, *afora* três caixas e o zabumba, muito famosos da Ponta-de-Pé”.

É como se o exímio tradutor de “Palavras de um Crenete” houvesse escrito: “Tudo submeteria o homem ao contrato da sociedade, *à exceção do* pensamento que é filho de Deus”; e se o consagrado autor de “Euzébio Macário” escrevesse, do outro modo: “Contratára a música do Arco, quinze figuras, *alem de* três caixas e o zabumba, muito famosos da Ponta-de-Pé”. Logo, *afóra*, como está escrito, não é cabível naquele verso.

No caso, a maneira de escrever é outra. Grafase o vocábulo *fora* sem aquele *a* protético, conforme podemos provar com a prática dos nossos mestres. Para tal, tomemos apenas dois autores: Almeida Garrett e Machado de Assiz, um de Portugal e outro do Brasil, e vejamos como esses dignos representantes da linguagem vernacula, nas duas Nações irmãs, escreviam, para ser imitados:

De Garrett —

“Deve ser um prazer régio ir lendo pela sacra-via *fóra*”. (“Viagens na Minha Terra”: Livr. Chardron, Porto,

pág. 184). “Saiu com todos de cruz alçada, e foi por esses campos da Galeã *fóra*”. (*Ibid.*, pág. 208). “Pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal *fóra*”. (*Ibid.*, pág. 329). “Eras o escárneo da Europa que hoje pasma de te ver correr... por essa estrada da civilização *fóra*”. (“O Arco de Santana”: Livr. Chardron, Porto, pág. 86). “Saiu de rondão pela casa *fóra*, atroando os ares com suas aclamações”. (*Ibid.*, pág. 215).

De M. de Assiz —

“Três dias depois segui barra *fóra*, abatido e mudo”, (“Braz Cubas”: Livr. Garnier, Rio, pág. 63). “Deixei as margens do mondego, e vim por ali *fóra* assaz desconsoado”. (*Ibid.*, pág. 71). “Se o jumento corre por ali *fóra*, contundia-me de véras”. (*Ibid.*, pág. 72). “Se o jumento corre por ali *fóra*, é impossível”. (*Ibid.*, pág. 73). “Veio por ali *fóra*, modesta e negra, esparecendo as suas borboletices”. (*Ibid.*, pág. 100). “Quando não se resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela *fóra*”. (*Ibid.*, pág. 105). “Se tu soubesses que idéas me vagavam pela mente *fóra* naquela ocasião”. (*Ibid.*, pág. 106). “Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo por aquele Valonge *fóra*”. (*Ibid.*, pág. 190). “Deixou ir pelas mãos *fóra* nada menos de uns quatrocentos contos”. (*Ibid.*, pág. 234). “Isto não levava direito sem irem todos eles barra *fóra*”. (*Ibid.*, pág. 248).

Aí, o escrever de dois grandes vernaculistas modernos, cuja prática não é outra senão o uso dos clássicos de todos os tempos. E não o vemos somente nos verdadeiros padrões da nossa vernaculidade; não. Os poetas e escritores que têm procurado amar o idioma português, respeitando-lhe a pureza e a

correção, sempre escrevem seguindo a praxe dos nossos melhores mestres.

Sobre o assunto, tomemos, agora, para exemplo, dois grandes poetas, ainda um português e outro brasileiro, e observemos que o seu uso é o mesmo de Garrett e M. de Assiz. Ouçamos, pois, a Guerra Junqueiro e a Alberto de Oliveira:

De G. Junqueiro —

“Quando iamós a rir pela existência *fóra*

Alegres como em junho os bandos dos pardais?”. (“A Musa em Férias”: Lisboa, 1913, na *Dedicatória*). “Corre pelo mundo *fóra* no seu divino alarço”. (*Ibid.*, *A Musa*). “Arroja a locomotiva por essas campinas *fóra*”. (*Ibid.*, *Tragédia Infantil*). “Faz o ninho, e que vái pelo horizonte *fóra*”. (*Ibid.*, *Renascimento*). “E voái, correi, pulái, pelo universo *fóra*”. (*Ibid.*, *Carnaval!*).

De A. de Oliveira —

“Após, vi-te horizonte *fóra* altos montes a olhar”. (“Poesias Escolhidas”: Edit. Civiliz. Brasileira, Rio, 1933, *Ode ao Sol*). “Ia eu já cançado, ... a passo, Ponta-Negra *fóra*”. (*Ibid.*, *Capo dagua*). “Voasses, rainha, pelos séculos *fóra*”. (*Ibid.*, *Imortal*). “Eterno bando de aves gloriosas, pelos tempos *fóra* seus versos de ouro ficarão cantando”. (*Ibid.*, *Olavo Bilac*). “Ia lhe a alma num cântico àquela hora *fóra* pela janela, espaço *fóra*”. (*Ibidem*, *A história de Carmen*).

Mas,—dirá alguém— a palavra *afóra*, ali, sem o *a* protético, deixaria o verso quebrado, e, de lírico e harmonioso *alexandrino* que é, ficaria frouxo, estropeado e sem a cadência métrica precisa...

Sim, ficaria; porem na lingua portuguesa temos outro modo de dizer semelhante, correto e mais agradável ao

(Continua na 5.a pag)

O POBRE MANOEL JOSÉ

NILSON ALVES

Numa segunda-feira, "dia das almas", volto o pensamento para a eternidade, e condeno as coisas da vida...

Veio me à recordação, naquele momento, o pobre Manoel José!... Foi numa quarta-feira de janeiro. Com um apito longo, o trem dava entrada nesta cidade. Um apito longo que muitas vezes significa tristezas, recordações, felicidades!... Aquele apito ecoava no ar, acompanhado de uma nuvemzinha de fumaça que se esvaía no espaço, e era como o organismo daquele infeliz que, aos poucos, se ia desaparecendo, definhando.

Pára o trem, na estação. Sai e entra gente, em todos os carros. Do meio daquela confusão sai, cambaleando, feito um fantasma, o pobre Manoel José, que logo se senta na pedra da gare. Cinco ou seis minutos depois, o trem parte, prosseguindo a viagem. Via muitos passageiros sendo recebidos por parentes e amigos, e só a ele, -miserável!- ninguém o vinha receber... Apenas o olhar indiferente dos que passavam ao seu redor, sem nem comprimentá-lo.

Na calçada da estação ficou ele, resignado com a sua miséria, cumprindo a sentença do destino...

Passa a menina para a escola. Vem, mais atrás, uma professora; e o mísero, como um cão faminto e sem dono, dirige-lhe esta exclamação, muito comum à boca dos mendigos: "Soecorreí-me, pelo amor de Deus!". Naquele instante encontrou ele um coração de ouro, piedoso, dedicado à caridade. Volta para casa a jovem mestra, e manda-lhe deixar alguns alimentos. Manoel José, já com as forças físicas mais alentadas, mas com uma voz tão rouca, que parecia vir do centro da terra, agradeceu à portadora da esmola, e pediu-lhe dissesse àquela moça que não o desamparasse; que, quando

sobrasse alguma comida, se lembrasse dele...

O recado foi dado, à risca. E o miserável, dali por diante, não teve os alimentos, mas um aposento para passar os últimos e infelizes dias de sua vida de pobre e doente.

Eu, que sempre observo estas coisas, via aquela senhorinha passar, duas a três vezes por dia, conduzindo comida, remédio, etc., para Manoel José. Fiquei, muitas vezes, admirado de tanta bondade, tanta abnegação, tanta solicitude para com o semelhante!—Isto é o que chamamos "beleza do espírito"...

Mas, um dia, quando a caridosa e abnegada jovem foi-lhe deixar a primeira refeição, encontra-o morto... Volta ela chorando, e vem avisar a algumas pessoas, talvez pensando no desprezo em que morreu aquele desventurado, sem nenhum auxílio nos derradeiros momentos de sua existência...

Horas depois, o corpo de Manoel José era levado para o Cemitério, acompanhado de poucas pessoas, conduzido no humilde caixão da Confraria...

Lá no Céu, aquela que o acolheu, abnegadamente, aqui na terra, terá a recompensa destinada às almas puras, aos espíritos bons...

Baixio, 11 de março de 1949.

BARBEARIA J. LOPES
JOSÉ LOPES

Asseio, esmero e rapidez na arte

BAIXIO—CEARÁ

Farmácia Ceará

— DE —

Luz Soares de Freitas

Estoque permanente de produtos químicos e farmacêuticos nacionais e estrangeiros.

Aviam-se receitas com escrupulo e brevidade.

Atende a qualquer hora

Baixio — Ceará

Maneiras de Vida

Demófilo

Observando e estudando a maneira de vida do nordestino, chegamos à conclusão de que o rebento desta terra crestada pelos raios espargidos da "fornalha celeste", não sofre menos do que os de outras regiões de nosso planeta.

Assim, por exemplo, os viajantes dos desertos sentem, talvez, mais calor que nós, habitantes das zonas quentes. Os europeus passam fome, por várias consequências, entre as quais a última conflagração mundial.

Faz algum tempo, foram remetidas grandes somas de dinheiro em benefício das crianças italianas pobres e famintas. Aprovamos o gesto dos homens que trabalharam para esse fim tão humanitário; mas, parece, eles estavam esquecidos de que, no Brasil, há crianças que suportam o rigor da fome, nos subúrbios de muitas metrópoles brasileiras. Deviam ter voltado as vistas, primeiramente, para o próprio Brasil que é dever, não do ufanista, mas do patriota.

Por último, falemos dos esquimós. Estes homens habitam os gelos canadenses, numa temperatura baixa, própria das regiões glaciais e cuja alimentação é constituída de carne de animais que não podem viver nos trópicos.

Terminando este paralelo, vejamos o modo de vida de outros povos, para lamentarmos o nosso...

Baixio, 9 de Março de 1949.

CASA POPULAR

(Mercearia e Alfaiataria)
— DE —

Pedro Leite de Araujo
Vende gêneros alimentícios e bebidas em geral

Mantem uma secção de confecção de roupas, a cargo do habil alfaiate Antonio Leite, a tesoura mágica da cidade.

Baixio — Ceará

RUI BARBOSA E O DICIONÁRIO

(Especial para "O Sertão")

Por **Lamartine de Farias Castro**

Rui leu todas os dicionários da língua pátria. Leu-os de fio a pavio. Já Gautier ensinava: "Jeune gens, lisez le dictionnaire".

Rui leu e absorveu todos os escritores vernáculos. "Os que mais contribuíram para a sua formação foram: Vieira, Bernardes, Castilho e Camilo. Rui deixou-se dominar pela energia do primeiro, a espontaneidade do segundo, a vernaculidade do terceiro e a picturalidade do quarto". Sentia por Vieira grande atração e a Bernardes dedicava uma admiração sincera.

Rui muito se irmanou a Vieira no estilo, no poder de evidenciação dos fatos, na complexidade dos períodos longos e harmônicos. De Bernardes adquiriu a maviosidade e a doçura que reçumam das suas esplêndidas produções literárias. Era natural e justo todo êsse encantamento pelos dois gênios da terra lusitana. Pois, além de verdadeiras cerebrações, eram ainda grandes apóstolos do bem e da verdade.

Vieira falava das coisas do Céu com os olhos na terra. Bernardes falava das coisas da terra com os olhos no Céu "A Vieira admira-se; a Bernardes admira-se e ama-se".

Rui possuía uma riqueza vocabular tão surpreendente que se avantajou ao próprio Camilo. Era assim uma espécie de Homem—dicionário.

Cousa curiosa é o re-

gistro de tantos sinônimos para a palavra "meretriz", "mulher perdida", os quais brotaram sem esforço da pena do imortal artista do vernáculo, aquele de quem se disse ser "uma biblioteca ambulante". Rui demonstrou conhecer todas as palavras do idioma pátrio, através da sua imensa bagagem literária, legítimo patrimônio das letras nacionais.

Veja-se que abundante sinonímia abaixo descrita, para significar a mulher que teve vida fácil:

Zabaneiras, Venus vaga, lascívia, Afrodite mercenária, crápula, rascôas, traviatas, michelas, marafonas, Magdalenas, hetafras, Dalilas baratas, perdidas, baiucas, meretrizes, horizontais, barregãs, prostitutas, odaliscas, rameiras, saturnais, messalinas, cortezãs, Frinéias de sargêta, gansas, cróias, biráias, trintasques, franjoscas, chinãs, fúlias, ambubáias, ganirras, patoqueiras, malungas, fregonas, comborças, calonas, lumias, patraganas, cambondas, pécoras, bonejas, bagachas, farpelas, pôlhas, cantoneiras.

Fortaleza, 10 de março de 1949.

"Casa Ferreira"

— DE —

A. FERREIRA & CIA.

Tecidos, calçados, chapéus, ferragens, louças e miudezas
— em geral —

Baixio — Ceará

Surgiu...

Verbena

Acontecimento brilhante nos anais da história do "Grêmio Literário Pe. Carlos de Moraes", "O Sertão" veio preencher, auspiciosamente, um claro inexplicável, assinalando o ponto de partida de uma nova fase de vida intelectual em nossa terra.

Bem avalio a responsabilidade da iniciativa. Mas, o caráter de ógão do "Grêmio"—reflexo do pensamento de quantos o compõem—infunde a coragem de ir avante. Tenho certeza de que tamanhos esforços serão bem compreendidos, contando por outro lado com o estímulo de todos.

E' "O Sertão" a alvorada de um movimento que afirmará o admirável "Grêmio", como expressão legítima do espírito realizador dos jovens baixienses.

Ipaumirim, 10-3-49.

UZINA BRASIL

— das —

Indústrias Reunidas do Nordeste,
S/A.

Industriais e Exportadores

Baixio — Ceará

"SAUDADE"

Fábula

Saudade—dúlcida palavra que traduz um mundo de suavidade...

Quantas líras são tangidas sob a sua inspiração e quão diversas são as interpretações dadas a este pequeno e harmonioso vocábulo!

"Delicioso pungir de acerbo espinho". Realmente é doce a Saudade e ao mesmo tempo punge acerbamente. É uma seta que nos fere carinhosamente... Acredito ser a Saudade a companheira de todas as almas ternas...

Quizera possuir a lira do poeta para compor um poema ao indefinível sentimento da Saudade!...

Ipaumirim, 12-3-49.

O "Amor", no Pensamento dos Troveiros

(De uma coleção de Alberto de Moura).

Tú censura de minh'alma
Esse alvoroço, esse ardor!...
—Quem tem Amor, e tem calma,
Tem calma... Não tem Amor...

Adelmar Tavares

Ouçó, feliz, dos teus lábios
Esta só palavra—Amor!—
Estrela cortando os ares,
Abelha sobre uma flor.

Gonçalves Dias

O Amor é doce... Entretanto
E' sempre—que estranha dor!—
Com os olhos cheios de pranto
Que nós falamos de Amor.

Martins Fontes

È o Amor, na mocidade,
Encanto, sonho, ousadia;
E na velhice é saudade...
O luar... melancolia.

Leôncio Correia

O Amor chegou e me disse:
—Poeta, a vida é ilusão,
E eu sou a maior tolice
Que trazes no coração..

João Serrano

Nosso Amor!.. (Se eu te contasse
Aquilo que eu sinto em mim)
Talvez até se acabasse
Ou nunca mais tinha fim!

Terêncio Guedes

O Amor, amigo, não deve
Por outros ser arranjado...
Amor nunca foi negócio
Para ser negociado...

Luiz Otavio

—Dize: que é Amor nesta vida?
—Não sabes? (Quanta inocência!)
O Amor é toda a existência
Num só beijo resumida.

Alves de Oliveira

Amor—festa dum momento,
Os nossos cabelos neva:
Fragrâncias que trás o vento,
Perfume que o vento leve...

Virgilio Brandão

Mal de Amor raro se perde;
E' como a nódoa da amóra:
—Só com outra amóra verde
A nódoa se vái embora.

Frederico Brito

Contra o Amor nada se alcança,
Nosso querer não é nosso:
Eu amo sem esperança,
Mas esquecer-te não posso!

Júlio Maciel

Caminha no mesmo trilho
Da bananeira, o Amor:
—Dá semente, fruto, flor,
Porem só pega de filho!...

Quintino Cunha

O Amor é como os venenos
Que sabor têm diferente:
Uns, doces; outros amargos...
Mas, todos matam a gente!

Paulo Aragão

O Amor!... Estando a pregar,
Certo Padre sentenciou:
—“Quem diz que deixou de Amar
Demonstra que nunca amou!”.

Alberto de Moura

O Amor—filtro doce e forte,
E' a droga mais discutida:
Se às vezes conduz à morte,
E' a vitamina da... vida.

Alvaro Armando

O Amor quando se monta
Na corcunda do cristão,
Vái direto ao coração:
Bate o prego e vira a ponta.

Antonio Valdivino

O Amor é uma cangalha
Que se bota em quem quer bem:
Quem não quer levar rabicho
Não tem Amor a ninguém.

Luiz Dantas

O Amor é barco que vái
Rumando seus rudes trilhos,
Do coração dum bom pai
À procura dos bons filhos.

Vicente G. Moreira

De Amor a gente não muda,
De ano em ano, mês em mês!
O Amor é como a bexiga:
—Só dá na gente uma vez.

Jacó Passarinho

O Amor entra pelos olhos,
Vái ao peito, direitinho:
Se não achar resistência,
Vái seguindo o seu caminho.

Popular

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS:

Dia 2 —

Aniversariou, no dia 2 do corrente, a interessante garota Maria Clara, dileta filhinha do Diretor deste quinzenário, Sr. Castelar de Lima e de sua digna esposa D. Zefinha Laurentino Castelar.

Dia 11 —

Transcorreu a data natalícia do Sr. José de Oliveira Neto, funcionario do Serviço Nacional de Febre Amarela e membro de tradicional familia deste Municipio.

Viu decorrer o seu genetliaco a graciosa menina Maria Alzenir, estimada filha do nosso amigo José de Oliveira Neto e de Exma consorte D. Elvira Grangeiro de Oliveira.

Dia 14 —

Transfluiu, ontem, o aniversario natalicio da senhorinha Guiomar Ferreira, elemento do nosso escol social baixiense. A gentil aniversariante faz parte do Corpo Docente do “Educandario Municipal de Baixio”, em cujas atividades tem-se revelado uma educadora de aprimorados dotes.

“O Sertão”envia aos aniversariantes efusivos parabens, formulando votos de felicidades.

ESTUDOS DE PORTUGUÊS

(Continuação da 2.a pag)

ouvindo. Escreve-se o vocábulo *fóra* antecedido da preposição *em*, como o fez Castilho, neste trecho: “O péssimo de todos os galicismos, o mais frequente, que já vái tanto de *foz em fóra*,... é o galicismo de construção e contextura de período”. (“Arquivo Pitoresco”: II, 10). Igualmente, escreveu Machado de Assiz: “Eles lá iam, mar *em fóra*, no espaço e no tempo.”. (Obra citada, pág. 294).

Est'outra maneira de escrever, também vernácula, conforme acabamos de ver em Castilho Antonio e Machado de Assiz, é usada, a miude, por todos os nossos bons poetas, notadamente Olavo Bilac e Olegário Mariano.

Assim, aquele verso muito ganharia em correção e em harmonia poética, se tivesse sido escrito:

“Vão voando a cantar pela amplidão *em fóra*”.

Baixio, 10 de março de 1949.

